

## A educação como desafio – caminhos e possibilidades

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra sobre pedra.  
Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Kan.  
A ponte não está sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco –  
mas pela linha do arco que elas formam.  
Kublai permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta:  
Porque me falas de pedras? É apenas o arco que me importa.  
Polo responde: – Sem as pedras não existe o arco.  
(Ítalo Calvino)*

### Resumo

O ser humano carece de educação. Ofício que comporta uma série de referências, experiências, desafios e situações. Em um tempo de conflitos e incertezas, este estudo aborda o significado e os vínculos entre formação humana, educação e cultura. Pontua o papel da educação católica para um projeto de “comunidade de aprendizagem” e, nessa aventura, os problemas, as certezas e incertezas.

### Introdução

Esse diálogo de Marco Polo com Kublai Kan mostra que a vida do ser humano passa pela mediação do universo simbólico, da linguagem e do imaginário. Elementos constitutivos do real e produtores de sentido. O silêncio da palavra inaugura a compreensão da linha do arco. Texto e imagem resvalam e se confundem. É um sinal de busca que se move. Assim como não há o arco sem as pedras, a educação seria um discurso vazio se alijada da totalidade social. É necessário, ainda, pensá-la a partir da formação e das práticas dos seus atores – o sujeito, a cultura, a religião, o lúdico e a escola, por um lado. Por outro, pensar a educação, implica desvendar os caminhos que marcam os costumes e as tradições do ser humano. Buscar o horizonte é apostar no futuro, no arco do caminho a trilhar. A educação deve retornar ao seu futuro para criar um clima de encontro, reflexão e diálogo e ser, ainda, pensada e vivida como criação de saberes. Mais ainda: um itinerário crítico conjugado com formação, prazer e afeto.

Educação – um conceito? um tratado? Os conceitos, particularmente humanos, são variáveis no tempo histórico. Em vez de respostas, é melhor entendê-la como um ofício, um exercício crítico de reflexão. Tarefa de uma construção coletiva e humana, envolta em contextos determinados. Longe de tantos *menus* com definições, a educação é um caminho para pensar e olhar para o futuro. Um convite à liberdade e uma introdução

à autonomia para o exercício de relacionamentos. A educação é um fato da civilização. Uma obra aberta. Educar é uma tarefa em permanente construção que se dá nas relações sociais, políticas, religiosas e culturais. Assim, importa menos discutir um tratado e mais o tipo de ser humano e de sociedade que se projeta (ou se pretende) com o ofício de educar. Trata-se de saber como e em que direção caminhar. Seu conteúdo semântico comporta os aspectos cognitivos, políticos, éticos e estéticos.

A primeira parte deste estudo se ocupa das influências da sociedade contemporânea na educação e suas consequências práticas. Educação implica encontro, relação, articulação, valores. Como são construídos, hoje, esses universos, frente aos desafios atuais? Quais as possibilidades frente a uma sociedade globalizada? A segunda parte tece algumas considerações sobre os novos caminhos de um projeto educacional católico. Na sua diversidade, vem acontecendo uma mudança na educação católica brasileira, tendo havido uma diferenciação com o Concílio Vaticano II (1962-1965), as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968) e Puebla (1979). Com o Pacto Educativo Global do Papa Francisco, esse projeto se renova.

## **1. A educação – movimento e fatores de mudança**

A prática educativa tem uma dimensão de totalidade, pois abarca as diversas dimensões do ser humano: física, intelectual, moral, simbólica, cultural. Por isso, o ser humano faz história, cultura, arte e ciência. Torna-se descobridor, incursiona em diversas dimensões, põe-se a caminho, faz-se sujeito, torna-se humano, atua sobre os meios e instrumentos para a reprodução da vida e ultrapassa os limites do efêmero e do sensível.

O ser humano se educa a partir de uma série de situações, referências e experiências de vida. No cruzamento da história com os diversos campos simbólicos desencadeia-se o contínuo processo de formação entre a permanência e a mudança das tradições, do conhecimento e da política. Importa captar como esse quadro vai mudando as propostas educacionais, pois fazemos parte dos processos culturais que cada sociedade elabora e desenvolve. Cumpre ressaltar as diversas formas de recepção e os resultados que se efetuam nas pessoas, nos grupos e nas diversas camadas sociais. Como lembra Max Weber: “As ideias nos chegam quando lhes apraz e não quando queremos” (WEBER, 1982, p. 16). Nesse tempo de rupturas e incertezas, a prioridade está formatada nos interesses do mercado, sem apresentarem regras claras para o desenvolvimento de políticas públicas e culturais contra a pobreza, a violência e outros problemas que

afrontam a vida, por um lado. Por outro, a liberdade política diminuiu e a violência aumentou. As grandes decisões são tomadas, sempre mais, por um restrito grupo.

Além disso, as transformações no mundo contemporâneo são grandes. É um processo que envolve o mundo todo, em proporções diferentes. Muitas mudanças afetam o meio ambiente, a sociedade, a cultura e as instituições. Outras afetam também as emoções, os comportamentos e a mentalidade, isto é, a forma de explicar e interpretar o mundo. É o caso, por exemplo, da concepção de tempo e espaço. Será que chegamos a um novo período no tempo? As novas gerações tendem a viver só no presente, pois não conseguem enxergar o futuro, que se tornou demasiadamente incerto. Mas a falta de referência ao passado compromete a possibilidade de os jovens fazerem projetos e ampliarem seu espírito criativo. Que futuro será construído? Um problema para a juventude como também para as demais pessoas é a crise de esperança, possível de determinações comportamentais negativas.

O espaço era constituído por “lugares” e cada um tinha seu sentido. Eram diferenciados entre si e conjugavam identidade, história e relação (AUGÉ, 1994, p. 53). Hoje o espaço tende a se tornar homogêneo, indiferenciado. A televisão torna tudo igual, com a mesma forma, tudo é “imagem”. E cada um constrói seu mundo fechado e não se sente mais ligado a um lugar construído pela dinâmica da história. De acordo com Cássio Eduardo V. Hissa: “Os lugares são produtos da existência – feita dos homens, do seu trabalho, da sua arte e dos significados que encaminham a cada objeto, a cada ser, a cada movimento” (HISSA, 2008, p. 299). As pessoas têm sempre mais dificuldade para distinguir entre o real e o virtual, entre o que é a realidade e a imagem. É também uma sociedade imediatista, que não ensina a desejar para além daquilo que está imediatamente acessível, que desconsidera o “transcendente”, o que vai além da experiência concreta. Isso tem uma consequência para a ação educativa – não ser mais vista como um processo de formação humana, capaz de dialogar com os valores da civilização e promover a consciência da sociabilidade, autonomia e criatividade do ser humano. No entanto, cada vez mais, a prática pedagógica deve tematizar e analisar as questões e demandas do momento presente – novos saberes, novas competências e novos hábitos. Com isso, a cultura escolar vai adquirindo totalidade de abrangência e se afirmando socialmente.

Hoje como ontem, é preciso resistir à robotização do ser humano, do tempo e do espaço. Quem possui a chave do futuro? É necessário aprender a olhar. Numa época de grandes transições, surgem novos enfoques em novas linguagens e novos paradigmas. Trata-se de um novo calendário no tempo e no espaço. Todo conhecimento é histórico,

por isso é o resultado de uma série de contribuições, interesses e, ainda, é um produto social. Uma questão é o caminho que grande parte do conhecimento científico alcançou, desviando-se da construção e preservação da vida. Mais ainda: dois novos paradigmas se cruzam para gerar uma nova civilização – a comunicação e o mercado – com um desenho homogeneizador, fundado numa racionalidade econômica produtivista e pouco democrática. Isso faz com que a razão assuma uma orientação instrumental, segundo o pensamento de Habermas. Assim, a educação, particularmente a instituição escolar, não consegue dar conta de seu projeto – criar espaços de comunicação, formação, conhecimento. Os economistas da educação e do conhecimento científico desenvolvem a teoria da produtividade e incentivam o desenvolvimento de especializações, com objetivos de oferta e procura. A consequência é o enfraquecimento da cultura, a vulgarização e crise da educação, do ensino e da aprendizagem. Como conjugar outros sentidos que não seja o mecanismo da auto-perpetuação do mercado e seus cúmplices? Como avançar num projeto educativo que ultrapasse a centralização no sujeito individual e formulações com efeito de *marketing*?

Para se salvar das ameaças das novas esfinges (Decifra-me ou devoro-te!), é preciso analisar, criticar e desvendar as contradições desses fenômenos. Reinventar uma nova cartografia de ação, aberta ao espaço de diálogo com outros saberes. Um novo paradigma poderia orientar as instituições acadêmicas – o paradigma da confiança, do debate, da reflexão e o exercício da solidariedade.

## **2. A educação católica – reinventar é preciso**

O sistema educacional tem a proposta de contribuir para o desenvolvimento pessoal, cultural e social do ser humano e compete a ele dar aos estudantes a oportunidade de realizarem experiências de aprendizagens ativas, integradas e socializadoras, tendo em linha de conta a adaptação da ação educativa às realidades locais. É possível afirmar que a educação, no Ensino Fundamental e Médio, ajuda os estudantes em seu processo de humanização? Se a concepção cristã tem algo que a concepção laica não tem, onde é que ambas podem se encontrar? A ação educativa é um ofício plural, pois não faz pouso no verbo “ensinar”. Tem seu olhar no verbo “formar”. Esta é uma questão substantiva – aberta ao diálogo que acolhe, respeita e favorece a dimensão do encontro entre pessoas, grupos e culturas. Ofício duplamente significativo, pois comporta essa questão ampla – educar e formar o ser humano. O Papa Francisco afirma no discurso aos participantes do Seminário sobre “Educação: o Pacto Global”:

Pensar na educação é pensar nas gerações vindouras e no futuro da humanidade [...]. Hoje somos chamados, de vários modos, a renovar e reintegrar o compromisso de todos – pessoas e instituições – na educação, a refazer um novo pacto educativo [...]. É por isso que temos necessidade de integrar os conhecimentos, a cultura, o desporto, a ciência, o entretenimento e a recreação [...]. Forçando um pouco o discurso, ousa dizer que a educação não é eficaz se não souber criar poetas (FRANCISCO, 2020, p. 2-3).

Com esse olhar, Francisco amplia a compreensão da ação educativa e formação humana e reitera seu compromisso com os problemas que afligem a humanidade. O diálogo acerca do Pacto Educativo Global abre caminhos para as possibilidades de uma vida diferente, cultivada com respeito e criatividade. Nessa mesma direção, Boaventura de Sousa Santos afirma que o princípio de comunidade é capaz de instaurar uma dialética positiva com participação, solidariedade, capacidade emancipatória e um potencial efetivo para o futuro (SANTOS, 2011).

Por meio das redes escolares, institutos e universidades, a educação católica, em cada período histórico, desempenha seu papel no campo da educação. Nesse caminho, uma série de procedimentos foi-se dando com diversos programas e diferentes formas de ação. Ainda há falhas a serem superadas, no entanto, há propostas para a formação humana e a construção de uma sociedade fraterna. No Brasil, a educação enfrenta sérios obstáculos e dificuldades, principalmente de ordem econômica, o que compromete as escolas católicas. Uma “pedra no meio do caminho” é a desigualdade social. Além disso, a desvalorização da educação e da profissão docente força os(as) professores(as) a uma sobrecarga de trabalho. Mesmo nessas condições adversas, desempenham com competência e cordialidade seu trabalho. A identidade docente é itinerante e é capaz de recriar e romper o limite do provável. Ainda há uma distância entre teoria e prática no sistema educacional. Outro comprometimento: as mudanças governamentais são populistas e imediatistas. No entanto, mesmo com tantos impasses estruturais e diferentes visões de mundo, a educação envolve o ser humano com seu empenho, prática e cuidado.

As ciências tecnológicas influenciam na relação dos seres humanos e controlam os valores e seus projetos de vida. Mais que “pátria e mátria, queremos frátria”, como modela Caetano Veloso em sua canção *Língua*. Ou, dito de outro modo, a luta que se trava hoje é para que esta nação se torne igualitária, democrática, ética. No que se refere à educação católica, uma grande contribuição está na recuperação desses vínculos quebrados. Por ser uma educação conjugada com os valores humanos e cristãos, pode colaborar para a formação de ações comunitárias, solidárias e éticas, ainda mais que a

vida cristã é objeto de educação (evangelização). O teólogo José Comblin faz um estudo neste sentido (COMBLIN, 1962). A Campanha da Fraternidade de 2022 aborda o tema da educação – convite para se repensar o sistema educacional católico e suas práticas. O novo na situação atual é entender seu papel, em comunicação com outras instâncias sociais e educativas, outros saberes e abrir perspectivas para um projeto educativo de qualidade e com boas políticas públicas. Nessa relação está o processo de uma educação integrada, buscando o caminho da diferença para a construção de uma nova sociedade e preparando o ser humano para alcançar esse possível futuro com prazer e criatividade. Segundo Paulo Freire: “É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido” (FREIRE, 1996, p. 142).

Quando a instituição escolar repensa sua prática e se abre para novas formulações epistemológicas, se autoeduca para analisar a complexidade do mundo contemporâneo, pois “educar” é um verbo transitivo, itinerante e dialogal. A formação intelectual densa do “sujeito da educação” é uma obra em andamento, alça em diversas incursões da ciência. O currículo do(a) educador(a) confere um sentido à prática educativa. O(A) educador(a) também se educa. Se outras instituições se fortalecem pelo poder, o sistema educacional se fortalece (deveria se fortalecer!) pelo conhecimento, mudança, articulação e criatividade. O documento da Congregação para a Educação Católica afirma: “Hoje é evidente a necessidade de fazer convergir as iniciativas educativas de investigação com os objetivos do humanismo solidário, conscientes que não podem ficar dispersos e isolados e, menos ainda, opostos por razões de prestígio ou de poder” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 24). Esse texto recoloca os vínculos entre educação, formação humana e solidariedade. Nós nos constituímos como sujeitos no encontro com o outro. Na diferença.

É na perspectiva de descobertas e de articulação de ideias que se abrem novos percursos para a agenda de um projeto educativo católico. As escolas e as universidades católicas têm que se pensar a partir de uma perspectiva de futuro. A Universidade, seja qual for, tem compromisso com um projeto de nação. Cumpre esse papel quando é um espaço privilegiado para a integração da pesquisa com o ensino e a formação humana e profissional. De acordo com Ivan Domingues, o melhor modelo de universidade é o que aposta na diversidade e em novas experiências: “É preciso pensar modelos, propostas e projetos diversificados, inclusive regionais” (DOMINGUES, 2013, p. 8). A Universidade pode ajudar na formação do ser humano? Mais ainda: dá conta de formar o ser humano?

A educação e a formação humana têm a ver com a subjetividade, interioridade, sociabilidade, como também com valores, alegria, solidariedade e criatividade. Esse é um desafio para a universidade: reaprender a olhar: “Redescobrir outras formas de pensar além da racionalidade que se esgota devido à sua própria exclusividade” (BUARQUE, 1994, p, 132). Exercício acadêmico intrigante para “se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto”. O horizonte poético da canção *Coração de estudante*, de Wagner Tiso e Milton Nascimento, é um pouso para a reflexão. (fatia de pensamento).

Hoje, o projeto de uma educação católica adequada e atualizada, à altura dos tempos, são outros. Uma preocupação para se pensar uma boa formação humana e religiosa deve ser a de entender a transformação que está acontecendo na relação entre a pessoa, a ciência e a sociedade e, por conseguinte, na socialização; no entanto, sem deixar de dar sentido à vida e, ainda, trabalhando as dimensões éticas, afetivas e físicas do ser humano.

## **Conclusão**

As instituições educativas são atravessadas por conflitos, tensões sociais e políticas. Não são tão simples, nem se desenrolam com mudanças repentinas. A educação não pode ser pensada em si e por si. Deve ser pensada em suas inter-relações com a sociedade, a ciência, a cultura.

Encontramo-nos diante de um desafio – alcançar outro patamar de pensamento e outros métodos de formação do ser humano. A questão da educação diz respeito ao todo, à vida, ao ser, ao/à educando(a) e ao/à educador(a). Comporta em seu bojo a sabedoria da maturação histórica e o cultivo de utopias. Evoca outros cenários. Em um de seus poemas, Mia Couto escreve: “Teus braços foram feitos para abraçar horizontes” (COUTO, 2016, p. 67).

Os sofistas fizeram uma revolução cultural na Grécia. Com eles, inicia-se um novo movimento na educação. Mudando de lugar e tempo, o campo da ação educativa não se esgota na escola. É uma construção sem paredes. Um desafio para a educação, particularmente, a católica – compartilhar experiências, cultivar a criatividade e forjar solidariedades. E, assim, fertilizar o projeto de uma “comunidade de aprendizagem”, na busca de um novo modelo de humanismo. Ensaio difícil e complexo que coloca em evidência dificuldades, problemas, crises diversas e entrecortadas.

Como num “eterno retorno”, ainda há lugar para a criatividade e a solidariedade, pois o futuro pertence a quem tem motivos de esperança. O apelo é para uma formação

que comporta uma significação mística, ética, estética, e solidária. E, assim, ampliar a legenda da educação – ver além das pedras, o horizonte.

Prof. Dr. Mauro Passos

Doutor em Ciências da Educação pela Universtà Pontificia Salesiana de Roma (UPS), Pós-Doutor em Antropologia da Religião (UFMG); Professor e Pesquisador do Centro de Estudos da Religião “Pierre Sanchis” da UFMG, Presidente do Centro de Estudos do Cristianismo na América Latina (CEHILA). <[mauruspax@yahoo.com.br](mailto:mauruspax@yahoo.com.br)>.

## Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas: Papirus, 1994.

BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Trento: Mondadori, 1999 (p. 83).

COMBLIN, José. *Educação e fé*. Os princípios da educação cristã. São Paulo: Herder, 1962.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*. Roma, 16 abr. 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20170416\\_educare-umanesimo-solidale\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html). Acesso em: 27 julho 2021.

COUTO, Mia. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DOMINGUES, Ivan. Entrevista. *Diversa*: Revista da UFMG, n. 20, p. 5-11, abr. 2013.

FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes no Seminário sobre o tema “Education: the Global Compact” promovido pela Pontificia Academia das Ciências Sociais. Vaticano, 7 fev. 2020b. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco\\_20200207\\_education-globalcompact.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html). Acesso em: 27 julho 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HISSA, Cássio E. Viana; MELO, Adriana Ferreira. O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo. In: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). *Saberes ambientais – desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, eoo8.

PACHECO, José. *Aprender em comunidade*. São Paulo: Edições SM, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.